



# Patins em Veneza

O esforço pelo moderno foi assumido apenas por uma pequena parte dos artistas representados na 43.ª Bienal de Veneza.

Decorações descomprometidas, jogos irónicos com formas conhecidas e o reprocessamento da vanguarda de ontem é o que dominam.

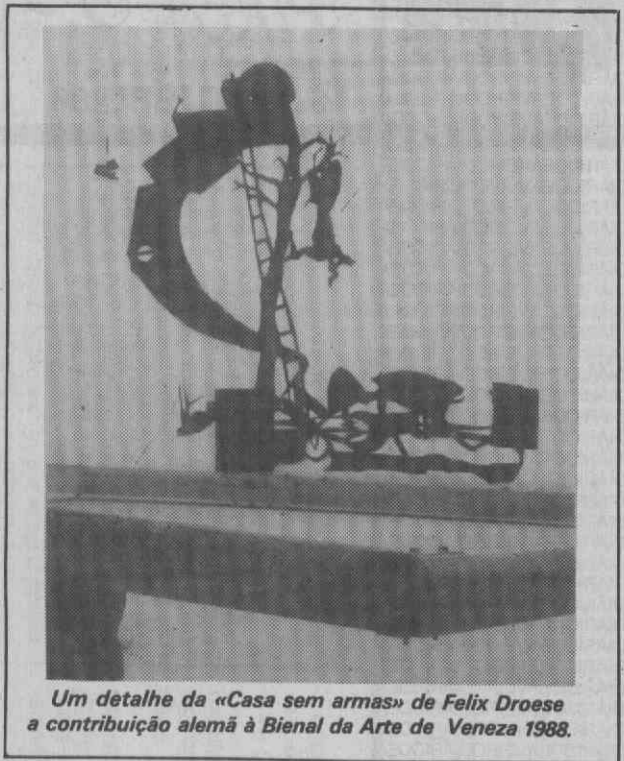
Reflexão e crítica evaporaram-se na actividade artística do pós-modernismo.

Fora do esquema está o pavilhão da República Federal da Alemanha. Insinuação estética, ambiente agradável, superficialidade, praticamente não se pode acusar disso Felix Droese. O comissário nacional da República Federal da Alemanha, Dirk Stemmler, entregou ao até aqui relativamente desconhecido artista a concepção global do pavilhão. Stemmler, director do Museu Municipal de Mönchengladbach, pareceu, apesar de todas as afirmações contrárias do prefácio do catálogo, não querer apoiar-se exclusivamente em que a obra falaria por si mesma: no seu ensaio sobre o trabalho de Droese que ocupa a maior parte das páginas do catálogo, ele apresenta-se como um intérprete co-genial até mesmo dos mais refinados detalhes, e assim, de certo modo, como um co-artista — com dificuldade a obra de Droese poderia ser desbravada sem as informações, as interpretações e as referências artísticas e literárias de Stemmler. De uma coisa o visitante logo ao entrar no pavilhão toma consciência: aqui é confrontado com uma obra de arte de grande significado.

Felix Droese, nascido em Singen/Hohentwiel em 1950, criou um salão artístico constituído por 22 peças interligadas entre si por um entrançado simbólico diver-

sificado. «Casas sem armas» foi como ele denominou tudo e é como encontramos na fachada do pavilhão sob a forma de um corte em ferro feito com maçarico. Quem, contudo, lá dentro procura um relacionamento directo com guerra, paz, carreira armamentista, desarmamento, busca em vão. O elemento concepcional mais importante de Droese é o corte em tesoura ao qual ele dá dimensões monumentais. A altura dos cortes de papel monocromático tem em geral mais de 5 metros. Os gigantescos recortes de tesoura de Droese lembra os seus pequenos parentes dos livros de histórias ou filmes de silhuetas. Se uma classificação de conteúdo clara parece difícil, temos a impressão de descobrir figuras de histórias e de sagas antropomórficas, vindas do mundo intermediário entre fábula e realidade, tal como certos arbustos, máquinas, casas, cavernas e peças de vestuário.

Na sala central desta instalação vemos 7 segmentos de um carvalho de 200 anos e uma moldura quadrada de 9 metros: imaginado por Droese como, no dizer de Stemmler, uma «incansável reflexão», questionamento das relações entre arte e natureza, porém também como uma referência aos sete selos do apocalipse. Dependurado no teto um par de patins, aspersion da realidade biográfica do artista e ao mesmo tempo recordação da «mitologia privada», concepção tão importante para Beuys, o mestre de Droese. Na Bienal de 1976 Joseph Beuys encontrou a «parada de bonde» na qual ele como menino sempre tomou aquele transporte. Com sua intensão Droese está inteiramente na linha de seu mestre, reunindo na arte diversas forças fundamentais ou bem mais, fazendo referência à sua participação necessária na



Um detalhe da «Casa sem armas» de Felix Droese a contribuição alemã à Bienal da Arte de Veneza 1988.

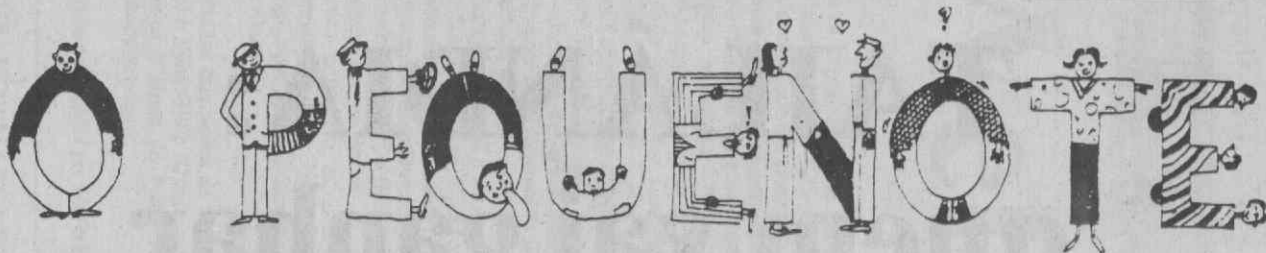
sociedade. A sala criada por Droese ele a entende como «parlamento das forças espirituais». A arte como modelo para contradição e integração de forças diversas, dispensa as armas. Por isso o salão de arte em seu sentido antropológico, é o lugar da inexistência de armas.

Um programa contrastante é oferecido, apenas à primeira vista, pela RDA.

A mídia da qual fazem uso os artistas da RDA que expuseram é tradicional: quadro tabular, em geral em formato pequeno. Também nenhum dos pintores dissimula sua origem na tradição realístico-objectiva preservada, ensinada a exercitada nas academias de arte da RDA. O estado de espírito provocado por estes quadros, dentre os quais trabalhos de Willi Sitte, Arno Rink, Trakia Wendisch, Doris Ziegler, Nobert Wagenbrett, Günter Richter, assemelha-se à atmosfera existente no pavilhão da República Federal da Ale-

manha: séria, sóbria, meditativa. Quadros simbolísticos, surrealísticos e fantásticos são exemplos de uma espécie de realismo mágico, representações de lugares vazios de seres humanos, ruas, prédios confrontando-se. Livre de directrizes extremamente rígidas de um «realismo socialista», os artistas da Alemanha Oriental apresentam quadros que integram a tendência de tradição do expressionismo e da nova objectividade dos anos 20, em parte com uma forma surpreendentemente pura. Desde quando nas teorias da arte ocidental o conceito do progresso, que vive da concepção de uma vanguarda que permanentemente se auto-supera, foi abandonado, passou-se a acurar mais a visão para esta tradição desprezada no ocidente e seus protagonistas na atualidade.

Michael Hierholzer  
(In-Press)



# O esconderijo

## (Conclusão)

— Olá, todos bem dispostos?

— Gostaram do desafio de serem também vocês a concluir esta história?

— Depois de recolher várias opiniões sobre o que iria acontecer à Dona Ursa e quanto aos intentos do caçador, ponderei durante toda a semana sobre os destinos destas personagens. De seguida todos saberemos o que realmente se passou.

«— Preparem-se...».

O caçador, de fuzil apontado e olhar malvado, estava prestes a premir o gatilho da arma. A Dona Ursa com olhar suplicante parecia reclamar-lhe o seu direito à vida, assim como o dos seus filhotes.

Num esforço supremo ameaçada de morte com dores selvagens e brutais, Dona Ursa iniciava nesse momento a doação à selva de um pequenino urso pardo que se libertava das suas entranhas. Ensanguentado o pequeno aconchegava-se à mãe deixando, por sua vez, os seus dois irmãozitos libertarem-se, do cordão materno.

Dona Ursa esquecera já o caçador que ameaçava agora quatro vidas indefesas. Com ternura beijava os recém-nascidos, limpando-os com a enorme língua, transformando aquelas pequeninas figuras em bonecos de pelo macio e brilhante.

Principiara a nevar violentamente. O perdigueiro escavava uma toca sob uma frondosa árvore. Dona Ursa via os filhotes tiritantes e ela insuficiente para os aquecer naquela tempestade gélida. Perdera muito sangue e energias, necessitava urgentemente de alimento e de uma caverna. O caçador mantendo ainda a arma apontada para o animal parecia adormecido, até que o gelo se acumulara no seu nariz, grande e achatado, se derreteu um pouco, deslizando inocentemente para os lábios gretados.

Sacudindo-se, qual cachorro depois do banho, o caçador despertou completamente do estado de atordoamento em que se encontrava, devido à cena maravilhosa e única que tinha presenciado.

Colocou novamente o fuzil ao ombro e, parecendo esquecido do seu perdigueiro, partiu em direcção de um grande penhasco perto da nascente.

No caminho teve que se defender da serpente que descera da árvore e se preparava para o atacar. Até os passaros pareciam estar em rebelião contra a sua presença naquela noite na floresta.

Os papéis tinham-se invertido. Era agora o caçador um fugitivo da noite. Com a coronha da arma ele defendia-se conforme as suas forças, até que repentinamente,

esbaterado, deu conta que estava numa ampla caverna seca e amena defendida por arbustos.

Livrou-se das cargas pesadas que transportava nas mochilas e começou a juntar folhas secas em forma de ninho, escolheu os melhores alimentos que transportava depositando-os num cantinho da caverna.

Saiu para a selva, agora sem medo e todos os animais pareciam fazer-lhe as honras soltando todos em sintonia os sons mais diversos que já alguma vez se escutara.

O perdigueiro adormecera na toca, os pequeninos ursos dormitavam chegados no corpo quente da mãe e o caçador, com palavras meigas, falava desta maneira para a Dona Ursa:

— «Sr.ª antes de mais as minhas felicitações pelos seus filhotes tão encantadores. As minhas desculpas também por ter intenções de a levar para a aldeia como troféu, e como prova do meu arrependimento convidado-a a alojar-se numa caverna segura que já esta preparada e à vossa espera».

O caçador ganhara naquele momento um encanto raro nas pessoas humanas, o seu olhar irradiava ternura, o sorriso era de amor e as suas mãos calejadas transportavam docemente o Ursinho mais pequeno para a caverna.

O perdigueiro, com o rabito a tremer, latia con-

tente atrás da comitiva que se dirigia para o refúgio.

Nessa noite homem e animais dormiram debaixo do mesmo tecto.

O dia clareou e do caçador despediu-se da Dona Ursa que também agora, restabelecida, se preparava para procurar alimento para os seus pequenos.

Na nascente via-se um fuzil levado pela corrente. Pela berma um homem com um perdigueiro ao lado cantava alegremente a história de Uma Grande Ursa Parda corajosa como nunca vira.

Chegado a taberna esta história revolucionou todos os caçadores, que inesperadamente reconheceram que o novo caçador foi o mais corajoso deles todos. Assim o nosso herói não perdeu a cabana e ainda recebeu de prémio um quadro onde se liam os dizeres:

«Aqui nesta região montanhosa e proibido a caça a todos os animais; a selva é o seu refúgio, que nunca mais o seu habitat seja ameaçado».

Este é o *teminus* desta história.

História que poderia tornar-se realidade para todos nós.

Sonhos com borboletas para vocês, e até à próxima história...

Noémia Fidalgo

# TAILÂNDIA: quem vai ganhar a guerra da droga?

No fim desta década, com muitos cenários alterados no Sudeste Asiático, as autoridades tailandesas desencadearam finalmente complexas e poderosas operações contra o cultivo e o tráfico de drogas. Nos últimos meses averbaram alguns êxitos espectaculares nestas batalhas, mas os próprios responsáveis pelas operações no terreno estão pouco optimistas relativamente ao desfecho da guerra.

Dir-se-á que o fim da guerra do Vietname foi uma importante ajuda à nova disposição do Governo de Banqueoque, na medida em que cessou a necessidade de certos abastecimentos: é sabido que a CIA pagava com o narcotráfico quase toda a sua factura dos mercenários que usava no Vietname, como, aliás, no Laos e no Cambodja. Igualmente importante é a conjuntura internacional de combate à droga que, ao dificultar os negócios às diversas mafias, deixa mais desprotegidas as que actuam no «triângulo de ouro», ou seja, na vasta região constituída por zonas fronteiriças da Birmânia, Laos e Tailândia. As guerras de gangs, por outro lado, também deixaram em maior insegurança as autoridades regionais e locais cúmplices com o narcotráfico.

No começo deste Verão assistiu, com muitos outros jornalistas nacionais e estrangeiros, na enorme parada de cimento da Escola Central da Polícia, em Banqueoque, à destruição de

quatro toneladas de droga. «Estão ali mais de 500 milhões de dólares», comentou um colega norte-americano, reportando-se «aos preços de Nova Iorque».

Perguntou se não é possível dar um fim útil àquela montanha de sacos de celofane cheios de pó branco e Paisal Puangniyom, do Ministério da Saúde, respondeu-me:

«Ficámos com a quantidade suficiente para as nossas necessidades nesse campo. A Tailândia não precisa de mais de uma tonelada de narcóticos por ano. Além das plantações especiais de papoila para fins médicos, recebemos o ópio, com uma regularidade de invejar, da parte dos contrabandistas. Hoje, vamos queimar o décimo lote dos 'excessos'».

O primeiro foi queimado em 22 de Agosto de 1976, na parada do II Regimento de Infantaria da Guarda Real, e era de apenas 1.291 quilos.

## ATÉ FALTAM PRISÕES

A cerimónia assistiu também o almirante Sonti Bunyachai, vice-Primeiro-Ministro. «Espero que não ande longe o dia em que este veneno desapareça para sempre da nossa terra» — disse.

O director do Bureau de Combate aos Narcóticos, o general Chavalit Yodmani parece ser mais realista:

«O que é que está na origem da narcomania? Só as causas sociais, a pobreza, a miséria? Se é assim, porque é que a narcomania também alastra nas camadas

abastadas da sociedade ocidental?... A juventude recorre aos narcóticos na tentativa de compensar a perda da fé nos valores morais e espirituais da sociedade. Por outro lado, não podemos excluir a curiosidade trivial, o desejo de experimentar as delícias do «paraíso dos narcóticos». Muitos esperam, sinceramente, poder libertar-se, facilmente, das algemas terríveis do vício. Mas a prática demonstra-nos, infelizmente, outra coisa: só alguns podem contar com a salvação após longos anos de tratamento...

«Mesmo assim, senhor general», disse eu, «gostava de conhecer a sua opinião sobre a via mais eficaz de combate à narcomania».

«Agravamento da punição?», raciocinou Yodmani. «Mas a lei é severa já sem isso: o porte de pouco mais de cem gramas de heroína vale fuzilamento ou prisão prolongada. O castigo mais severo é reservado aos traficantes de narcóticos e aos correios dos gangs. Os estrangeiros, neste sentido, não gozam de privilégios: mais de mil cidadãos de outros países estão a cumprir pena nas prisões tailandesas. Mas, claro, não posso meter na prisão todos os 500 mil narcómanos tailandeses. Não temos prisões para todos...».

«Portanto, temos de recorrer a outras medidas», continuou o general. «Reporto-me ao tratamento terapêutico e a uma vasta campanha de esclarecimento entre os jovens. Por exemplo, acho que seria muito útil mostrar os narcómanos na

**Boris Tchekhonine**

TV, para todos verem os seus sofrimentos. Que todos vejam isso!

## HOSPITAL OU CAMPO DE REABILITAÇÃO?

Visitei alguns hospitais tailandeses onde os médicos se esforçam por reabilitar para a vida os que se habituaram à heroína e ao ópio. Estes hospitais têm dezenas de lugares, mas que fazer com os que não conseguem lá entrar? Para mais, o tratamento é complicado, caro e prolongado. Durante a primeira semana, o paciente visita diariamente o hospital na companhia de parentes, para receber explicações sobre as regras e a ordem do tratamento, e para demonstrar se está, de facto, decidido a aceitar este difícil processo. A memória do sistema computadorizado central contém todos os dados sobre o narcómano: se já foi submetido ao tratamento, onde e quando.

Depois, chega a segunda etapa: desintoxicação. Durante 45 dias, o paciente recebe um medicamento especial, «metadon», para, juntamente com a psicoterapia e tranquilizantes, fazer o paciente esquecer-se do ópio e da heroína.

A terceira etapa é a reabilitação, que dura 180 dias. O seu objectivo é fixar os resultados obtidos com a ajuda de medicamentos, consultas médicas e palestras profilácticas permanentes, ressuscitando no paciente o interesse pela participação activa na vida, para o ensinar, de novo, a resolver

# TAILÂNDIA: quem vai ganhar a guerra da droga?

os problemas da vida real, e não fantasmagórica.

Finalmente, chega a última, a quarta etapa, que dura um ano. O antigo narcómano deve aparecer semanalmente para as palestras com o seu médico e com representantes de diferentes organizações sociais. Simultaneamente, controla-se se não voltou secretamente ao uso dos narcóticos. Só depois de um ano e meio — dois anos, é que os médicos podem ter esperanças de que o seu trabalho titânico não foi em vão...

No entanto, 70 em 100 casos, o trabalho titânico não dá resultados. O narcómano volta aos narcóticos e via de regra, morre rapidamente. A causa da morte não está só na destruição do sistema nervoso central e na extenuação geral. O narcómano começa a precisar de cada vez mais veneno. Portanto, chega o dia em que injecta na veia a dose mortal.

«Francamente, prefiro aos nossos métodos brandos os de Singapura, que são mais rígidos», confessou o general Yodmani. «Lá não se esqueceram de que a principal massa dos doentes são jovens com menos de trinta anos de idade. Mal a polícia de Singapura recebe informações sobre o uso de narcóticos entre os jovens, submete-os a exame médico. Se os dados se confirmam, o jovem é enviado a um tratamento forçado e depois é recrutado para a tropa e destacado para uma unidade disciplinar onde não goza de condições excepcionais, nem tem palestras comovidas. Um serviço difícil, treinos extenuantes, nem um minuto livre durante um ou dois anos. Depois da desmobilização, o antigo narcómano já não procura um paraíso ilusório. A casa paterna parece-lhe um verdadeiro paraíso em comparação com o campo disciplinar. Geralmente, poucos querem ir lá

parar uma segunda vez, por isso, não pegam mais na seringa nem no cachimbo com opio.

«Mas nós vivemos em democracia», suspira Yodmani. «Não nos podemos permitir uma coisa dessas. Em vez disso, realizamos esclarecimentos entre os produtores de opio e marijuana, camponeses das montanhas. Procuramos ajudá-los na conversão da sua economia em café e outras culturas agrícolas. O Ministério do Interior criou por todo o país, principalmente, na zona do «triângulo de ouro», treze centros especiais, de estudos e consultas. Tente passar por um desses centros, em primeiro lugar, no da cidade de Chiangrai. A maior parte dos sacos de celofane com heroína, que queimámos há pouco na parada da polícia de Bangucoque, foram confiscados exactamente lá».

## O CENTRO DO TRIÂNGULO

Chiangrai, situada na margem direita do Mecom, é o centro do «triângulo de ouro», mas só geográfico. A outra margem do rio já pertence ao Laos; também se vêem as montanhas no território da Birmânia. O silêncio na cidade é tão profundo que até sinto zumbidos nos ouvidos. Mas isto não e sempre assim — disseram-me E frequente ouvirem-se tiros à noite, depois, apanham-se cadáveres no rio. Há guerra entre os «gangs».

Chumporn Wongkamhaeng, director de um dos treze centros de combate à «morte branca», tem 37 anos. Trabalha aqui há 14 anos, desde que terminou a Faculdade de Geografia da Universidade de Chiangrai. «O nosso centro», contou-nos, trata de 535 aldeias com 100 mil habitantes. No nosso quadro, temos 102 especialistas e 300 funcionários. O nosso orçamento

anual e de 6 milhões de baht...

«Mas como se pode combater, na prática, os tumadores de opio do meio campones?».

«No nosso Centro, temos um hospital especial onde os narcómanos são submetidos a um tratamento de uma semana: três vezes ao dia, são obrigados a beber o opio com água. Assim, o paciente fica literalmente as avessas. Logo a seguir, o medico faz-lhe uma injeção de um forte tranquilizante e de vitaminas. Passados sete dias, o paciente volta a aldeia. O chete da aldeia manda reunir imediatamente toda a população, a qual o desgraçado jura nunca mais pegar num cachimbo de opio. Geralmente, fazem valer este juramento, pois sabem, pela experiência dos outros, que não podem violar o juramento sob pena de boicote geral, ou de desterro ou prisão».

No entanto, a narcomania entre dos camponeses do «triângulo de ouro» não é um fenómeno frequente. Sim, com efeito, amanhã aqui as culturas de narcóticos: papoila e canhamo da Índia. Mas é raro usarem eles próprios os narcóticos, compreendendo todas as consequências disso. Portanto, o principal objectivo do Centro e combater não a narcomania, mas a antiga tradição de cultivo e venda de opio e marijuana. Os camponeses são ensinados a cultivar soja, milho, arroz, frutas e café. Espera-se atraí-los para a criação de plantações de borracha e chá. Grupos moveis de quatro especialistas — um agrónomo, um professor, um medico e um perito em problemas sociais e quotidianos — visitam as aldeias mais atastadas nas montanhas.

O Centro dispõe de 46 grupos deste genero.

«Isto ajuda?» — perguntei a Wongkamhaeng.

«Nos ultimos tempos, 70 por cento das aldeias da nossa provincia deixaram de cultivar papoila e canhamo

da Índia. Mas os 30 por cento sempre ticam».

O meu interlocutor afirma que não e facil remodelar a psicologia camponesa: as tribos montanhesas cultivaram a papoila durante decadas. Não tem experiencia, nem conhecimentos e nem te nas vantagens economicas do novo trabalho. Por exemplo, o açambarcador compra a marijuana aindo no campo por 35 dolares o quilo. E quem ira procurar arroz, legumes e frutas a uma aldeia distante? E mais facil compra-los no vale...

Para levar os montanheses a uma nova via, as autoridades não se limitam apenas aos metodos «democraticos», como disse o general Yodmani: unidades militares e destacamentos da policia são enviados a selva para destruir as plantações de papoila. Os campos procuram-se com a ajuda de helicopteros e, logo a seguir, são destruidos. No entanto, os que estão interessados em que as tribos montanhesas continuem com a pratica tradicional, tomam contra-medidas. O jornal «Nation» comunicou que os sindicatos criminosos americanos passaram a ajudar financeiramente os camponeses que cultivam marijuana e opio. Alem disso, fornecem-lhes sementes, adubos, manuais.

Os «gangs» não tem falta de dinheiro. Enquanto isto, os centros governamentais de combate aos narcoticos têm poucos meios. Por exemplo, Chumporn Wongkamheng queixou-se de que a sua organização precisava todos os anos de 600 milhões de baht e não de seis...

Querera isto dizer que, para ja, a «morte branca» e invencivel? Sera que teve razão o filosofo que disse, ha tempos, que a civilização nunca renunciou nem renunciara a nenhum dos seus peccados?

# A semana da TV

## Segunda, 17 de Outubro

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — Às Dez
- 12.20 — Telenovela — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — O Império de Carson
- 14.15 — Um Amigo Especial
- 15.00 — B.B. King II
- 16.00 — Rotas do Extremo Ocidente — «Por Muitos e Altos Montes»
- 16.30 — Ponto por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piaf», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «Tao Tao».
- 18.15 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.20 — Telenovela — Passerelle
- 21.10 — Norte e Sul
- 23.00 — A Passagem para o Índico
- 23.30 — 24 Horas
- 24.00 — Remate

RTP-2

- 15.00 — Abertura e Filhos e Filhas
- 15.25 — Agora, Escolha!
- 16.55 — Telenovela — Helena
- 17.30 — Trinta Minutos Com...
- 18.00 — Histórias Amargas
- 19.00 — Music Box Especial
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — Maude
- 22.00 — Conta Corrente — (Magazine de Economia)
- 22.25 — Ópera — «Satyagraha»

## Terça, 18 de Outubro

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — Às Dez
- 12.20 — Telenovela — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — Dallas
- 14.15 — Histórias Fantásticas de Ray Bradbury
- 15.00 — Maynard Ferguson
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piaf», «Hey Bumboo», «Tim Tim», «As Aventuras do Pardal», «Nico» e «Livros Jovens».
- 18.15 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.25 — Telenovela — Passerelle
- 21.10 — Modelo e Detective
- 22.10 — Primeira Página
- 23.10 — Tribunal de Polícia.
- 23.40 — 24 Horas.
- 00.10 — Remate.

RTP 2

- 15.00 — Abertura e Filhos e Filhas
- 15.25 — Elogio à Leitura
- 15.50 — Primeiro Andamento
- 16.25 — Lá em Casa Tudo Bem
- 16.55 — Telenovela — Helena
- 17.35 — Trinta Minutos Com...
- 18.00 — Music Box — «Via Rápida»
- 19.00 — Music Box — «Off The Wall»
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — Maude
- 21.55 — Cinemadois — «Vida de Família»

## Quarta, 19 de Outubro

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — Às Dez
- 12.20 — Telenovela — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — Fama
- 14.15 — Viagem do Mimi
- 15.00 — James Cotton
- 16.00 — Missões de Paz
- 16.30 — Ponto por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piaf», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «Vento nos Salgueiros»
- 18.15 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.15 — Vamos Jogar no Totobola
- 20.35 — Telenovela — Passerelle
- 21.30 — Lotação Esgotada — Curta Metragem de Desenhos Animados — «O Síndrome da China»
- 23.45 — 24 Horas
- 00.15 — Remate

RTP-2

- 15.00 — Abertura Filhos e Filhas
- 15.25 — Agora, Escolha!
- 16.55 — Telenovela — Helena
- 17.30 — Trinta Minutos Com...
- 18.00 — A Rota da Seda
- 19.00 — Music Box — «Hit Machine»
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — Maude
- 22.00 — Joana
- 22.50 — Fantasia e Realidade

## Quinta, 20 de Outubro

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — Às Dez
- 12.20 — Telenovela — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — Ilha da Fantasia
- 14.15 — O Regresso do Antilope
- 15.00 — José Feliciano
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piaf», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «Os Filhos dos Flintstones».
- 18.15 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal

# A semana da TV

20.00 — Bolsa dia a dia  
 20.07 — O Tempo  
 20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura  
 20.20 — Telenovela — Passerelle  
 21.10 — Os Amores de Napoleão e Josefina  
 22.10 — Deixem Passar a Música — «Lara Li»  
 23.05 — 24 Horas  
 23.35 — Remate

RTP-2

15.00 — Abertura e Filhos e Filhas  
 15.25 — Joana  
 16.10 — Quem Sai aos Seus...  
 16.55 — Telenovela — Helena  
 17.30 — Trinta Minutos Com...  
 18.00 — Viagem de Noite  
 19.00 — Music Box — «European Top 40»  
 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»  
 21.00 — Jornal das Nove  
 21.30 — Maude  
 22.00 — Hora da Verdade  
 23.00 — Hitchcock Apresenta...

## Sexta, 21 de Outubro

RTP-1

09.00 — Abertura e Bom Dia  
 10.00 — Às Dez  
 12.20 — Telenovela — Selva de Pedra  
 13.00 — Jornal da Tarde  
 13.30 — A Herança dos Guldenburgs  
 14.15 — Os Mistérios da Lua  
 15.00 — Eurythmics  
 16.00 — Imagens da Arte Portuguesa — «A Azulejaria Barroca e Rococó»  
 16.30 — Ponto por Ponto  
 17.30 — Brinca Brincando — «Piaf», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «Manni, o Jovem Futebolista»  
 18.15 — Tempos Modernos  
 19.30 — Telejornal  
 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia  
 20.07 — O Tempo  
 20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura  
 20.20 — Telenovela — Passerelle  
 21.10 — Homens da Segurança — (último episódio)  
 22.00 — Uma Canção Brasileira  
 23.20 — 24 Horas  
 23.50 — Remate  
 24.00 — Pela Noite Dentro — «Amigos»

RTP-2

15.00 — Abertura e Filhos e Filhas  
 15.25 — Agora, Escolha!  
 16.55 — Telenovela — Helena  
 17.30 — Giramundo  
 18.00 — Equinócio  
 19.00 — Music Box — «Rocking in the UK»  
 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»  
 21.00 — Jornal das Nove  
 21.30 — O Sétimo Direito  
 22.00 — Moçambique  
 23.00 — Berlim, Praça Alexandre  
 23.55 — Rotações — (Desporto)

## Sábado, 22 de Outubro

RTP-1

09.00 — Abertura e Juventude e Família — «Aldeia das Brincadeiras», «Huckleberry Finn», «Desporto e Ciência», «Roque e Rolle com Xutos e Pontapés», «Desporto e Ciência» e «Bonanza»

12.00 — Recital José Carreras em Penellada  
 13.00 — Notícias  
 13.10 — Os Espectaculares Recordes Guinness  
 13.40 — Parlamento  
 14.10 — Sessão da Tarde — «Os Pequenos Fugitivos»  
 15.55 — Vivamúsica  
 16.45 — Miss Marple  
 17.35 — O Romance da Raposa — (1.º episódio)  
 17.50 — O Nosso Século — (Concurso)  
 19.10 — Sete Folhas  
 19.45 — Totoloto  
 20.00 — Jornal de Sábado  
 21.15 — O Tempo  
 21.25 — A Magia de David Copperfield  
 22.15 — O Assassinio de Mary Phagan  
 23.15 — Cinema da Meia-Noite — «Fim-de-Semana Alucinante»

RTP-2

09.00 — Abertura e Compacto Totally Live  
 13.05 — Compacto Selva de Pedra  
 16.00 — Troféu  
 20.00 — Music Box — «Power Hour»  
 20.50 — Elogio à Leitura  
 21.20 — Hill Street  
 22.10 — Concordo ou Talvez não

## Domingo, 23 de Outubro

RTP-1

09.00 — Abertura e Juventude e Família — «A Arca de Noé», «Nils Holgersson», «Contos Mágicos», «Professor Turbo-Lento» e «Uma Pequena Maravilha»  
 11.15 — Missa — Transmissão Directa de Castelo Branco  
 12.30 — TV Rural  
 13.00 — Notícias  
 13.10 — Quanta Água Correu Debaixo da Ponte...  
 14.10 — O Primeiro Paraíso  
 15.00 — Primeira Matinée — «Emboscada Fatal»  
 16.20 — O Cavalo  
 16.50 — Clube Amigos Disney  
 19.00 — O Justiciero  
 20.00 — Jornal de Domingo  
 20.30 — O Tempo  
 20.45 — Mala de Cartão  
 21.50 — Regresso a Casa  
 22.55 — Domingo Desportivo

RTP-2

09.00 — Abertura e Music Box — «Chart Attack»  
 10.00 — Troféu  
 13.00 — Caminhos  
 13.30 — Novos Horizontes  
 14.00 — Veterinário de Província  
 15.00 — Troféu  
 17.00 — Ideias & Negócios  
 17.50 — A Bela e o Monstro  
 18.55 — Século XX — «A Situação da Arte»  
 19.50 — Primeiro Andamento — «Mozart por Maria João Pires»  
 20.15 — Quem Sai aos Seus...  
 20.40 — Artes & Letras — «John Huston e a Gente de Dublin»  
 21.35 — Cineclubes — «A Noite de Varennes»  
 23.55 — Magazine Cinema  
 00.25 — Som da Surpresa

# Artes Marciais (3)

## O KARATE

O karate ficou a ser oficialmente conhecido no Japão nos primeiros anos do séc. XX. A convite do Governo daquele país, os mestres Ankoh Itosu e Kanruo Higaon ensinaram aos japoneses o Onkinawa-te, um sistema secreto de combate desarmado originário da Ilha de Okinawa.

Itosu e Higaon baseavam as suas aulas em sistemas diferentes. O primeiro ministrava um método de técnicas longas, deslocamentos rápidos e ligeiros, enquanto que Higaon transmitia aos seus alunos um estilo apoiado na força, nos deslocamentos curtos e nas contracções.

Entre os discípulos destes dois mestres encontrava-se Guichin Funakoshi, o homem que viria a ser considerado o verdadeiro pai do karate no país do sol nascente.

Em 1922, na cidade de Tóquio, Funakoshi fez uma primeira demonstração pública das suas técnicas de combate desarmado. Os japoneses, já conhecedores do «Jiu-Jitsu» (método de combate que deu origem ao judo), ficaram maravilhados com esta nova arte marcial, de grande espectacularidade e eficácia, e interessaram-se pela sua aprendizagem. Funakoshi estabeleceu-se no Japão e formou o primeiro «Dojo» (escola), ao qual deu o nome de «Shotokan», designando simultaneamente o estilo que ensinava aos seus discípulos.

Com o grande mestre, o karate reassumiu a sua componente espiritual e passou a ser praticado como um exercício de unificação da mente com o corpo, à semelhança das antigas formas de «kempo», ganhando particular popularidade entre os adeptos dos «Budismo-Zen, a par de



outras artes marciais — Judo, Kendo, Aikido e Sumo.

O karate desenvolveu-se de maneira espantosa nas várias ilhas do Japão. Depois da morte do grande mestre, os seus discípulos separaram-se e apareceram várias escolas, multiplicando-se os estilos.

Hoje em dia podem-se contar cerca de vinte estilos só no Japão, pelo menos os que estão devidamente codificados, com um programa de ensino definido.

## O SHOTOKAN

Fundado, codificado e ensinado por Gichin Funakoshi e pelo seu filho Yoshitaka Funakoshi, este estilo tem por lema a força, a velocidade e o «endurance», baseando-se a sua técnica no trabalho a longa distância e na contracção de movimentos.

O treino do Shotokan divide-se em três partes distintas: kihon (treino básico), kata (forma) e kumite (combate).

O kihon corresponde à fase de aprendizagem normalizada das técnicas do karate. Os praticantes repetem sistematicamente as mesmas técnicas ou sequências de técnicas, sem oposição de adversário.

O kata consiste na execução de extensas combinações ou encadeamentos de técnicas, representando situações de combate — de defesa e contra-ataque — com um adversário imaginário. Esta disciplina obriga os karatecas a executarem movimentos em várias direcções e sentidos. O kata bem executado exige os seguintes requisitos: força, velocidade, equilíbrio, respiração, ritmo, dinâmica, beleza estética e intensão dos movimentos.

O kumite consiste num treino de combate entre dois praticantes, com ataques e defesas de ambas as partes, usando exercícios sistematizados, com objectivos precisos. Este treino é indispensável para o desenvolvimento de técnicas aplicadas no combate de karate.

## AS GRADUAÇÕES

O Shotokan comporta dois escalões de graduações: o elementar e o avançado.

Também designadas por Kyu as graduações elementares subdividem-se em nove categorias. O principiante começa com o 9.º kyu e vai progredindo até ao 1.º kyu, para então se candidatar ao cinto preto (1.º Dan).

As graduações avançadas (Dan) dividem-se em dez categorias e a sua progressão é na ordem inversa à das graduações elementares. Os praticantes avançados evoluem do 1.º Dan até ao 10.º Dan e usam todos cinco preto, independentemente da sua graduação.

Graduações elementares: 9.º kyu (cinto branco), 8.º kyu ( amarelo), 7.º kyu (laranja), 6.º (verde), 5.º kyu (azul), 4.º kyu (vermelho), 3.º, 2.º e 1.º kyu (castanho).

P. Rodrigues